

O CRUEL

E

TRISTE FADO

A' generalidade do publico passam de largo factos que, pormenorizando a vida social d'um povo no que ella tem de mais flagrante e caracteristico, lhe imprimem a mais imprevista, intensa e dramatica feição. Será, porém, base para maçorraes divagações dos ethnologistas esse accaso, a sorte, o fado que, em todas as nossas acções, compromissos e acontecimentos capitaes da vida, intervem cruel ou felizmente produzindo alanceantes magoas ou originando reaes venturas. E' a sorte ou o accaso que faz de nós ricos ou pobres; é a sorte ou o accaso que nos realisa um bom ou mau casamento; é a sorte ou o accaso que nos gratifica com um emprego rendoso; é a sorte ou o accaso que nos faz criminosos e ladrões, honestos ou equilibrados; é a sorte ou o accaso que nos atira com o pé direito á vida ou com o esquerdo á desgraça. Esse accaso, essa sorte, synthetisa o fado que a todos domina, desde o snr.

D. Miguel que o batia até nós que o gememos.

A carencia de noção da positividade da existencia, as calidas heranças do paganismo, a absorpção feita ao deante pelos deslumbramentos da palavra e do culto catholicos, um natural relaxo que nos faz antes indifferentes do que contemplativos, por ventura um facto de teratologia mental que conviria buscar ou na ethnogenia ou na historia, eis os factores maximos que levaram este povo a attribuir a um verdadeiro mytho as consequencias de indestructiveis leis naturaes e sociaes.

Para as raças fortes não é uma sobrenatural presciencia que as induz a emprehender e a actuar. E' o calculo, é o estudo, é a rasão, que nós, homens de sentimento, tanto desdenhamos, são qualidades multiplas de entendimento, de previsão cautellosa e habil, de exemplo e de oportunidade que regulam e iniciam toda a empreza; é mesmo uma real pobreza de região e de calor que os atira á lucta com a sua *allure* hirta, tam mal quadrante para nós outros, senhores de clima doce e solo rico.

Sem essas qualidades bronzeas no trabalho e lucidas no pensamento, amarrados de grilhetas á inercia, como vivemos e de que dependemos? Dos vaivens da sorte!

E elles dominam em toda a linba; ou atirando com a mulher de queda em queda á desventura, ou levando um nosso rei a acabar lá na Moirama!

O povo que incarnou a fatidica causa, gestou, sem dar por tal, o hymno e a epopeia. Derrancada musica, funebres versos! O fado! Como todavia essa melopeia é d'uma integral justeza! O motivo, a factura, a melancholia terrena e amaviosa, o chorado, o pianninho, a attitude acabrunhada do cantor, olho em alvo, grenha ao vento, a immundicie do corpo e a porcaria da alma, como tudo isto é onomatopáica, como define com atroz clareza o que nós todos somos em malandragem, em idiotia e em esterco!

Tudo entre nós corre o fado. Os navegadores lá tiveram o seu, como os iobis-homens,—as rainhas, como as bruxas; corre-o o dinheiro, o paiz e o tempo, e cada um, individualmente, quando lhe chegar a tyranna morte, terá acabado o seu fado!

D'esta fatalidade, pois que é inherente ao portuguez, privará a collectividade. Motivos, senão primaciaes, de bom pezo, para explicarem a passividade da nação nos seus destinos.

P'ra ahi está essa terra miseravel á mercê do accaso! Ahi ficam essas ruinas esperando melhor sorte! Deixal-a succumbir pois que é esse o seu fado! Cá está a guitarra para a cantiga z'i á beira do sepulchro!

Este agente morbido e intrinseco que nos dá o derreio na acção e na iniciativa carece de extinguir-se, substituindo-lhe o ar fatal e o esfalfamento por tino e virilidade. E' penoso? é longo? Seja, mas annule-se. Um povo pode ser, por indole, sentimental e triste, por fatalidade ethnica, indolente, por causa pathologica, pouco intelligente. Parvo, a esta altura do seculo, é que não. Não se altera artificialmente o cunho anthropologico que define uma raça, nem o seu meio, nem o seu clima; corrige-se-lhe todavia as manhas e os vicios. E que cada um comece este trabalho de per si.

Irra! que já é tempo de deixarmos de ser palermas!